



Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 23 | 2006
Ideia(s) de Tempo(s)

A historiografia e o tempo na Mesopotâmia

Historiography and Time in Mesopotamia

António Ramos dos Santos



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/1308>

DOI: 10.4000/cultura.1308

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Janeiro 2006

Paginação: 63-76

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

António Ramos dos Santos, « A historiografia e o tempo na Mesopotâmia », *Cultura* [Online], Vol. 23 | 2006, posto online no dia 18 fevereiro 2014, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/1308> ; DOI : 10.4000/cultura.1308

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

A historiografia e o tempo na Mesopotâmia

Historiography and Time in Mesopotamia

António Ramos dos Santos

- 1 Embora, a civilização mesopotâmica possua traços comuns a relação entre a historiografia e o tempo deverá ser observada, primeiramente, no legado sumério, e em seguida na tradição dos povos semitas. Não esquecendo, porém, que elas são interdependentes, mas que a matriz suméria atravessa os tempos e as escritas. É claro, que a noção de história e de historiografia era bem diferente da nossa.¹ Na Suméria, a composição escrita deixou muitas referências históricas directas, mas poucas peças literárias a que possamos designar de *historiográficas*.² Os dois géneros mais conhecidos são, talvez, as crónicas, um género de texto histórico que regista uma série de acontecimentos classificados em geral pelos anos do reinado dos soberanos. E as inscrições reais, que eram textos com um carácter monumental redigidos por monarcas desejosos de assegurar a sua fama, e de afirmar a sua piedade ou de imortalizar a memória dos seus actos principais, tal como a construção de raiz ou a reconstrução de um templo ou de um palácio, ou para celebrar os acontecimentos gloriosos do seu reinado. Este foi um género literário bastante característico da Mesopotâmia antiga. As mais velhas inscrições reais remontam à época suméria arcaica e inauguraram uma tradição que não se deteve até à época selúcida.³
- 2 As inscrições sumérias preocupavam-se em documentar o tempo presente visando o seu futuro conhecimento. Algumas delas viam de forma retrospectiva as circunstâncias e os factos passados, revelando um sentido do pormenor histórico pouco comum nesses tempos recuados. Catalogavam e sistematizavam, pretendendo criar ordem e inteligibilidade no caos natural. Ordenavam os períodos históricos do passado, estando as inscrições ao nível da documentação arquivística, ou seja, do simples encadeamento de dados particulares não contextualizados num todo.
- 3 Salientamos quatro textos produzidos pela historiografia suméria, o primeiro deles, é um documento proveniente de Lagash, dos arquivos de Entemena,⁴ datado de cerca de 2430 a.C., conhecido como a *Inscrição de Entemena*⁵ e que nos relata a disputa entre as cidades de

Umma e de Lagash a propósito da fronteira comum. Toda a narrativa tem lugar durante duas gerações – a de Eanatum e a de seu sobrinho Entemena. O narrador não enumera apenas com exactidão os factos ocorridos na sua época. Ele foi às origens, e remotou à época de Mesilim, rei de Kish, trocando, assim, a arquivística pela história,⁶ e, desse modo, contextualizando os acontecimentos.

- 4 O segundo documento, trata da descrição da libertação da Suméria por Utuhegal (2116-2110 a.C.) que se encontra num texto conhecido por *A Guerra dos Seis Dias*,⁷ a acção desenrola-se numa série de quadros, expostos ao longo das tabuinhas,⁸ e que consistem em múltiplas situações, como uma inflamada oração do herói e da cidade de Uruk a lananna, ou a ida para a guerra sob a protecção divina. No texto está patente a convicção de que os homens executam uma missão divina; o que, todavia, dão dispensa elementos da acção humana, a saber: – a preparação psicológica da população, o alistamento dos combatentes, as trocas de missivas, a perseguição e captura do inimigo. Estamos, pois, perante uma sucessão de tempos: os tempos maus e os tempos bons. Esta é uma imagem claramente ligada à ideia suméria de história.
- 5 Os tempos maus eram a consequência de um pecado cometido por Naram-Sin, que saqueara a cidade santa de Nippur, e que, consequentemente, ofendera Enlil com o sacrilégio. Em consequência, o deus envia os Gútios contra Akkad. Trata-se de um interessante texto historiográfico, onde se salienta um estilo vivo em que se utiliza uma sequência de quadros cujo ritmo vai avançando após o quarto dia, antecipando a narrativa da fuga precipitada de Tirigan, o rei dos Gútios que terminaria morto às mãos daqueles a quem ele oprimira. Para alguns autores este «é claramente um modelo de «história teocrática», em que se reserva aos deuses o papel decisivo na determinação e condução dos eventos».⁹ O terceiro texto trata da queda do império de Akkad às mãos dos Gútios, e designa-se *A Maldição de Agade*.¹⁰ De facto, no texto, confluem diversas tradições e diversas interpretações do facto histórico. É patente em toda a composição a tendência de inserir num fundo religioso a tradição da queda de Akkad. Não porque existisse qualquer pretensão do rei de Akkad de dominar a dinastia neo-suméria de Ur. O que estava subjacente era a tradição de uma época de felicidade ainda não muito longínqua centrada ao norte e, em contraposição, a dúvida sobre a legitimidade das relações de força da época em que se vivia.
- 6 O texto *A Maldição de Agade*, combinou as tradições acerca da invasão dos Gútios, a ruína de Akkad, a existência de um soberano rival de Naram-Sin, em Nippur, uma crise económica desta cidade nos fins do Império Acádico, e pretende explicitar e definir a memória dos «bons velhos tempos». A dinastia neo-suméria de Ur não tinha de viver à sombra de Akkad, mas, sim, continuar a tradição do Período Dinástico Primitivo.¹¹
- 7 O quarto e último dos textos sumérios, é a chamada *Lista dos Reis*,¹² obra claramente historiográfica cujas fontes provinham de Kish e Uruk,¹³ nela regressamos à ideia de história como sequência porquanto cada dinastia experimenta «a passagem de tempos bons a tempos maus».¹⁴ As mudanças históricas eram motivadas pela vontade soberana dos deuses.¹⁵ A ideia de história como sequência de tempos aparece-nos cada vez mais relacionada com o legado sumério. O soberano e a relação que este detinha com os deuses aparecem no centro desta historiografia – nas construções, nas reformas sociais, nos empreendimentos militares, no próprio destino dos seus reinos. A ideia de dinastia apareceu muito cedo, e seguramente, que a continuidade linear da realeza e das dinastias era uma concepção fundamental da *Lista dos Reis* suméria.¹⁶ Esta obra é um dos mais importantes testemunhos da tradição histórica suméria e contém uma longa série de

soberanos, sistematizada em dinastias e plena de indicações acerca da duração dos reinados, desde o dilúvio¹⁷ ao termo da dinastia de Isin. A *Lista* é uma obra historiográfica apesar da escassa informação histórica, onde se salienta um característico encadeamento, i.e., a realeza em Babilónia esteve desde o princípio *numa* cidade e *num* rei. Mas vários eram os monarcas a dominar cada um a sua parte do país. A tradição, tinha, todavia, de se submeter às ambições hegemónicas dos reis dominantes. A solução foi a colocação em sucessão de monarcas que reinaram simultaneamente, suprimindo-se uma dinastia na sua totalidade, apesar de alguns reis importantes dela terem feito parte. A visão desejada era, assim, obtida por motivação divina, «todas» as vicissitudes «passadas» até a um dado momento presente falavam da legitimidade de *uma* só dinastia e de *um* só rei de todo o país, através da legitimidade das ambições da última dinastia mencionada. Chegados ao último rei da dinastia neo-suméria de Ur III,¹⁸ o texto que se refere ao seu reinado evidencia já maus tempos.¹⁹

- 8 Quanto à historiografia Semita, a primeira impressão que se tem de povos como os Babilónios e os Assírios é a de um grande interesse pelo passado.²⁰ Esta valorização foi fomentada pela escola através da sua curiosidade, e pelos desejos do trono e do altar de fundamentarem a sua legitimidade. Assim, os estudiosos das dinastias semíticas de Isin, Larsa e Babilónia, copiaram sistematicamente textos históricos do Império de Akkad.²¹
- 9 O trono e os seus interesses não dispensaram os serviços da história, e assim, vemos acontecimentos políticos do século XII a.C. serem legitimados através de uma alegada profecia do rei divinizado em vida, Shulgi, da III dinastia de Ur. O rei assírio Assurbanípal ao narrar a pacificação dos Elamitas tinha como justificação a religião e a história. Os Semitas herdaram-na dos Sumérios a concepção linear das incursões no passado. Contudo, estavam muito para além dos seus antecessores tanto na quantidade das produções historiográficas como na diversidade dos seus géneros utilizados.²²
- 10 A versão acádica de uma inscrição monumental bilingue originária de Nippur enumera as vitórias de Sargão sobre Lugalzaggesi (c.2350 a.C.) rei de Uruk que submeteu as cidades-estados de Ur, Lagash e Umma. E para além das fronteiras do império ainda aparecem Mari e Elam vencidas pelo rei acádico. Na escrita não se ultrapassava o limite histórico da vida de Sargão. Mais moderno nos parece o escriba de Entemena, que situou num contexto alargado os acontecimentos políticos da sua temporalidade.
- 11 Para observarmos uma ordenação «científica» da história, temos que andar mais uns séculos para a frente. A presunção de que nem todos os «tempos» históricos eram iguais, que havia um número limitado de «tempos» diversos e que era útil para o presente e até para o futuro conhecer os «tempos» do passado, era um pressuposto subjacente à ciência dos augúrios.²³
- 12 A ideia da história aí presente é a de que os diversos quadros das situações históricas voltam a ocorrer. A sequência é que apenas será trazida à luz pela ciência dos presságios, à luz da sintomatologia que no passado evidenciara cada um dos eventos. Não se pensava que um estado causava outro, apenas sucedia a outro. Ainda menos se pensava que a história podia ter uma meta ou uma finalidade. Em todo o caso, procuram-se ordenar as situações: a ciência dos augúrios compilava as suas listas de tempos. Aí está um desenvolvimento da *Listenwissenschaft* e a teoria da história sumérias enquanto sequência de períodos bons e períodos maus.
- 13 Da tradição semita salientamos dois textos, desde logo, a chamada *Crónica de Weidner* paleobabilónica tido, por Speiser,²⁴ como o primeiro compêndio mesopotâmico sobre a

ideia de história. Trata-se de uma obra cujo carácter partidário e doutrinário a rebaixam em relação ao nível do melhor pensamento do seu tempo, mas não deixa de ser, apesar de tudo, uma obra historiográfica.

- 14 A ideia de história é simples — a ascensão e queda dos reis depende sempre da atitude destes para com o Esagil, o grande templo de Marduk em Babilónia. Os que negligenciaram ou insultaram Babilónia, Marduk e o seu culto tiveram um fim miserável, ao passo que todos os que cumpriram viveram felizes e prósperos. Consequentemente, estavam avisados os soberanos presentes e futuros de se absterem de não cuidar de Babilónia e do seu deus principal.²⁵ A ideia de história reduz-se a uma simplicidade extrema, quase numa uniformidade monótona. Independentemente de um ou outro presságio e a *Lista de Reis* suméria, não se vislumbra aonde terá o autor ido informar-se acerca da sorte e das desgraças dos intervenientes da história. As motivações parecem variar: pesca ritual, libações no Esagil, fundação de uma cidade rival de Babilónia, maus tratos aos habitantes da capital. Mas, por detrás das vicissitudes do poder e da história, perfilam-se duas constantes: por um lado, a figura do «grande senhor, Marduk», que recompensava e punia; por outro, um bom acto a ditar a recompensa e um crime a desencadear o castigo, se não as duas coisas em sucessão. Desse modo, permanecia no discurso de tradição acádica o esquema fundamental sumério — a história é a sequência de tempos bons e tempos maus. Contudo, surge aqui a ideia de correspondência entre acto e pagamento. Os deuses recompensavam os méritos e puniam as transgressões dos reis, os únicos responsáveis pelos destinos da nação, por isso não agiam com arbitrariedade total.
- 15 Da simples sequência temporal surge a consequência da acção humana, e atinge-se a uma espécie de formulação genérica: «aquele que peca contra os deuses desta cidade, a sua estrela não será estável no céu»,²⁶ aparecendo deste modo um corolário da concepção semítica do pecado. Os Semitas com a sua concepção de culpa mudam a visão mais simplista dos Sumérios, a história não era uma simples sequência de tempos humanamente neutros mas, mais, uma consequência da acção humana, merecedora de prémio ou castigo divino. Toda a literatura historiográfica posterior trabalhará com essa concepção de história. «História é consequência da acção humana; o mal irrompe necessariamente sobre quem peca contra a ordem divina, sobre quem infringe o pacto estabelecido no juramento oficial».²⁷
- 16 Os Semitas tal como os Sumérios não se preocuparam com a objectividade histórica, tal como nós a concebemos. O passado apenas interessava enquanto ajudasse a reconhecer e sobretudo a moldar o presente.²⁸
- 17 O produtor de teoria da época tinha de se referir a Marduk porque queria fundamentar historicamente as pretensões hegemónicas daquele deus.²⁹ A finalidade didáctica e mesmo propagandística foi um motivo comum na historiografia de Assírios e Babilónios. Mas a causalidade, uma questão importante na historiografia moderna, não existia senão na relação entre deuses e homens, uma questão categórica da mundividência mesopotâmica. E mau grado o que correntemente se escuta, a história não era cíclica para Assírios e Babilónios, não fazendo o passado, o presente e o futuro parte de um fluxo contínuo de eventos originários de um passado distante, sem meio nem fim, por isso os Deuses e os Homens continuavam *ad infinitum*.³⁰
- 18 Entre os lados positivos da historiografia e da ideia de história de raiz acádica está a sua percepção de que certos eventos eram merecedores de serem recordados e contados para o futuro, sabendo-se elevar, desde os mais recuados tempos, ao nível de elaborar

observações acerca da verdade histórica. Assim vimos uma inscrição, a de Rimush, concluir: «Por Shamash a Aba, juro que não são mentiras: é absolutamente verdade».³¹

- 19 A Lista dos mais antigos reis de Babilónia designada por *Crónica dos Reis Antigos*, também chamada *Crónica de King* em honra do primeiro editor,³² narra uma sequência de acontecimentos ocorridos na Mesopotâmia entre Sargão de Akkad e o cassita Agum III (c.1450 a.C.), sendo a *Crónica de Weidner* uma das suas fontes, outras seriam os presságios históricos, de onde o autor recolheu a maioria dos dados que fornece sobre Sargão e Naram-Sin, tendo em muitos casos uma simetria verbal.
- 20 O período marcante da história iniciado com a conquista e saque de Babilónia por Senaqueribe (689 a.C.), considerado uma terrível atrocidade do ponto de vista dos vencidos foi matéria de duas crónicas neobabilónicas: *Crónica de Akîtu* e *Crónica de Assarhadão*.
- 21 A primeira é uma descrição das interrupções das festividades do Ano Novo babilónico em honra de Marduk, entre a conquista de Senaqueribe e a entronização de Nabopolassar (626 a.C.). Mas não se relacionam quaisquer perturbações políticas com a interrupção das festividades.
- 22 A segunda descreve acontecimentos dos reinados de Assarhadão (680-669 a.c.) e Shamash-shum-ukin (668-648 a.C.). O texto possui de estranho o facto de ser o Assírio apresentado muito favoravelmente por um cronista babilónico. Mas não nos podemos esquecer que Assarhadão era reconhecido oficialmente pelos Babilónios como seu rei, e talvez isso explique o teor da narrativa.
- 23 C.J. Gadd descobriu e publicou uma crónica em que se evoca a emergência do império neobabilónico.³³ O último império da antiga Mesopotâmia erguia-se sobre os escombros da Assíria. Seguramente, seria fácil para um cronista narrar eventos felizes. Mas a outro estaria reservada a missão espinhosa de levantar o óbito do império que Nabucodonosor II (604-562a.C.) dotara de grande esplendor e fama.
- 24 É claro o conceito de historiografia histórica e de história, um exemplo de êxito, deve ser seguido e perpetuado por descendentes alertados. Simultaneamente e condicionando a acção das divindades, actuam os homens como sujeitos da história. Esta, tal como a perceberam os Semitas, não era uma simples sequência de planos delineados nos céus pelos grandes deuses. A história era uma consequência de actos humanos, concretamente, dos pecados dos soberanos.
- 25 Os Assírios também cultivaram uma tradição cronística, o que é atestado de forma indirecta pela chamada *História Sincrónica*, que relata as relações entre assírios e babilónicos.³⁴
- 26 As versões definitivas da *Lista dos Reis* suméria são resultantes do inquérito historiográfico. Não só os exemplares cuneiformes disponíveis provêm do período paleobabilónico, mas a própria lista suméria está de tal forma conectada com a antiga metrópole de Hammurabi que ficou conhecida por «Lista dos mais antigos reis de Babilónia».³⁵ É também com Babilónia que alguns autores clássicos ligam a tradição de perpetuar os soberanos em listas e memórias, desde as origens mais recuadas do país à época helenística.
- 27 A *Linhagem* da Dinastia de Hammurabi pode não se inserir na tradição das listas de reis, destinadas a reivindicar pretensões a um trono discutido ou a hegemonia a nível regional. O mais curioso é que os remataram a narrativa com um resumo da genealogia e, simultaneamente, com a uma ampla síntese e periodização conhecida da história

mesopotâmica.³⁶ Alguns autores debatem se a *Lista dos Reis*, ao contrário da *Linhagem*, utiliza a tradição dos antepassados por motivos obscuros. Todavia, na viragem do I milénio a.C., a *Lista* comumente aceite sem discussão pelos círculos de letrados assírios; em tempos anteriores, teria sido utilizada por facções empenhadas em justificar e legitimar as reivindicações da linhagem de Shamshi-Adad ao trono de Assur. O facto de, por mais de um século, nem Shamshi-Adad nem o seu filho Ishme-Dagan (1780-1781 a.C.) terem sido considerados legítimos representantes da linhagem real assíria não entra em contradição, com esta presunção.³⁷

Conclusão

- 28 O tempo historiográfico apareceu definido nos seus contornos essenciais na Suméria. O tempo expresso em quadros, como na peça designada por *Guerra dos Seis Dias*, o tempo como sucessão de tempos bons e tempos maus, como consequência do pecado de um dado soberano; o tempo que em termos históricos toma a forma de sequência, e onde cada dinastia experimenta os diversos tempos. A ideia suméria de história é a concepção desta enquanto sequência de tempos. O tempo como a continuidade linear da realeza e das dinastias, era a concepção fundamental desta historiografia, bem explicitada na chamada *Lista dos Reis* suméria.
- 29 Para os Acádios, dentro da mesma linha de pensamento, anotava-se a história dos monumentos e faziam-se profecias em torno de reis divinizados. Estes foram herdeiros da concepção linear do passado – tempos bons e tempos maus.
- 30 No que respeita aos Assírios e Babilónios, sabemos que para eles a história não era cíclica. Tudo fazia parte de um fluxo contínuo de eventos, com origem num passado distante, mas sem meio nem fim, onde Deuses e Homens continuavam *ad infinitum*. Tudo na mesma lógica de pensamento anteriormente idealizado pelos Sumérios.

ANEXOS

DOCUMENTOS

Documento 1: *Inscrição de Entemena*

Fonte: Edmond Sollberger e Jean- Robert Kupper, *Inscriptions Royales Sumeriennes et Akkadiennes*, Paris, Les Éditions Du Cerf, 1971, pp. 71-75.

« Enlil, o rei de todos os países, o pai de todos os deuses, pela sua palavra firme delimitou a fronteira entre Ningirsu e Shara. Mesilim, o rei de Kish, por ordem de Ishataran mediu-a à corda (e) erigiu aí uma estela.

Mas Ush, príncipe de Umma, agiu segundo (os seus) discursos grandiosos: deslocou esta estela e marchou para a planície de Lagash. Nin-Girsu, o campeão de Enlil, à ordem justa deste, deu batalha a Umma. Por ordem de Enlil lançou a (sua) grande rede de tiro (sobre Umma) e ergueu os seus túmulos na planície.

Eanatum, o príncipe de Lagash, o tio de Entemena, príncipe de Lagash, com Enakale, o príncipe de Umma, delimitou a fronteira. Traçou a vala (dela) desde o (canal) Inum até ao Guedina. (...) Inscreveu estelas ao longo do fosso (e) repôs a estela de Mesilim.

(...) Ur-Lumma, o príncipe de Umma, fez com que a vala fronteira de Ningirsu e a vala fronteira de Nanshe ficassem sem água; pôs fogo às suas estelas e deslocou-as. Destruiu as capelas consagradas aos deuses, que tinham sido construídas no Namnunda-Kigara. Mobilizou todos os países (e) atravessou a vala fronteira de Ningirsu.»

Documento 2: «Guerra dos Seis Dias»

Fonte: Edmond Sollberger e Jean- Robert Kupper, *Inscriptions Royales Sumeriennes et Akkadiennes*, Paris, Les Éditions Du Cerf, 1971, pp. 130-132.

«Enlil: - Gu[tium] , a serpente, o escorpião [das] montanhas, que tinha feito violência aos deuses, que tinha levado para o estrangeiro a realeza da Suméria, que tinha enchido a Suméria de iniquidade, que raptara a mulher a quem tinha uma mulher, que raptara o filho, a quem tinha um filho, que instalara a iniquidade e a violência no país; Enlil, rei de todos os países, de aniquilar o nome (de Gutium), a Utuhegal, o homem forte, o rei de Uruk , o rei das quatro regiões, o rei que não volta atrás com a sua palavra, Enlil, o rei de todos os países, lhe deu a missão.

(Utuhegal) dirigiu-se a Inanna, sua senhora, (e) fez-lhe esta oração: Ó minha senhora, rainha dos combatentes, que carregas os países (inimigos)! Enlil [deu-me] missão de restituir a realeza à Suméria. [Sê o meu am]paro. Que as hor[as de Gutium] sejam extirpadas. Tiri[gan], rei de Guti[um], falou: ninguém marchou contra ele. Ele instalou-se sobre as duas margens do Tigre. Em baixo, pilhou os campos da Suméria; em cima, pilhou as caravanas. Sobre as estradas do país, deixou crescer a erva alta.

O rei que Enlil dotou de força, que Inanna escolheu no seu coração, o homem forte de Uruk marchou contra (Tirigan). No templo de Ishkur ofereceu um sacrifício. Discursou aos cidadãos da sua cidade: "Gutium, Enlil mo entregou! Inanna, minha senhora, é o meu amparo! Dumuzi, que é Amaushumgal-ana, pronunciou o meu destino! Deu-me como protector Gilgamesh, filho de Ninsuna! (Utuhegal) encheu de alegria o coração dos cidadãos de Uruk, dos cidadãos de Kullab. A sua cidade, como um só homem, seguiu-o. Ela fez honra às suas obrigações.

Tendo deixado o templo de Ishkur, no quarto dia ofereceu um sacrifício em Naksu, (sobre o canal) Iturungal; no quinto dia ofereceu um sacrifício na capela da Ili-tappê. Prendeu Ur-Nin-asu e Nabi-Enlil, (dois) generais que Tirigan enviara como embaixadores à Suméria; e pôs-lhes algemas. Tendo deixado a capela de Ili-tappê, no sexto dia ofereceu um sacrifício em Ennigi. Dirigiu-se a Ishkur (e) fez-lhe esta oração: Ó Ishkur! Enlil deu-me armas: sê o meu amparo! No decurso dessa noite [Nanna escondeu-se]. [Ele dirigiu-se a Utu (e) fez-lhe (esta) oração]: Ó Utu! Gutium, Enlil mo entregou: sê o meu amparo! No terreno hostil de Gutim ele pôs fogo; dirigiu contra ele as suas tropas. Utuhegal, o homem forte, foi vencedor (e) fez prisioneiros os seus generais.

Então Tirigan, rei de Gutium , fugiu a pé, sozinho. No lugar onde se refugiou, em Dubrum, encontrou (primeiro) mercê. (Mas) o povo de Dubrum, tendo sabido que Utuhegal era o rei a quem Enlil dera o poder, não libertou Tirigan. O enviado de Utuhegal capturou em Dubrum Tirigan, sua mulher e seus filhos, (pôs-)lhes algemas e [fê-]los [comparecer]

perante si. (Tirigan) deitou-se aos pés de Utuhegal, o rei. (Este) pôs o pé sobre a nuca dele. Gutium, a serpente, o escorpião das montanhas... Ele restituiu a realeza à Suméria.»

Documento 3: Crónica dos Reis Antigos

Fonte: A. Kirk Grayson, *Assyrian and Babylonian Chronicles*, Winona Lake, Indiana, Eisenbrauns, 2000, pp.152-156.

«Sargão, rei de Agade, chegou ao poder durante o reinado de Ishtar e não teve rival nem igual. Ele espalhou o seu esplendor pelas terras. Atravessou o mar a Oriente. No seu décimo primeiro ano, conquistou o país ocidental até ao seu ponto mais distante. Pô-lo sob a sua autoridade. Erigiu as suas estátuas no Ocidente. Mandou os seus (do Ocidente) despojos para Amati.

Estacionou os seus oficiais da corte em intervalos de cinco horas duplas e governou em unidade as tribos dos países. Marchou para Kazalla e tornou Kazalla num monte de ruínas, a ponto de não deixar aí nem um abrigo de pássaro (lit. destruiu um ninho com um pássaro). (...) Depois, Subartu atacou (Sargão) em força plena e desafiou-o para o combate. Sargão armou uma emboscada e aniquilou-os completamente. Esmagou o vasto exército e mandou os seus bens para Agade.

Escavou o entulho do poço de Babilónia e fez uma réplica de Babilónia perto de Agade. Por causa do mal que fizera, o grande senhor, Marduk, encolerizou-se e varreu o seu povo pela fome. Eles (súbditos) revoltaram-se contra ele de Oriente a Ocidente, e Marduk atacou-o com insónia. (...) Eagamil, rei do país marítimo, fugiu para Elam. Depois de ele se ir, Ulamburiash, irmão de Kashtiliash (III), mobilizou o seu exército e conquistou o país marítimo. Agum (III), filho de Kashtiliash (III), mobilizou o seu exército e marchou contra o país marítimo. Tomou Dur-Enlil e destruiu o Egalgasheshna, templo de Enlil em Dur-Enlil.»

Documento 4: «Crónica de Babilónia»

Fonte: James B. Pritchard (ed.), *Ancient Near Texts Relating to the Old Testament*, Princeton – New Jersey, Princeton University Press, 1969, pp. 303-305.

«Ano 12: Quando, no mês de Abu, os Medos... contra Nínive... eles irromperam e tomaram a cidade de Tarbisu, cidade pertencente à província de Nínive (...) Desferiram um ataque contra a cidade [e tomaram-na], [as muralhas da cidade] deitaram abaixo, infligiram à população uma derrota / massacre horrível. Tomaram despojos e levaram prisioneiros. O rei de Akkad e o seu exército que foram em auxílio dos Medos não chegaram (a tempo) da batalha. A cidade foi tomada de novo]. O rei de Akkad e Ciaxes encontraram-se diante da cidade e estabeleceram entre si boas relações e amizade... [Ciax]ares e o seu exército regressaram ao seu país; o rei de Akkad e o seu exército regressaram ao seu país.

(...)[Ano 14] O rei de Akkad con[vocou] o seu exército e [Ciaxar]es, rei das hordas Manda (*Ummān-manda*) marchou ao encontro do rei de Akkad, [em]... juntaram-se. O rei de Akkad... e [Ciaxar]es...passaram rio e marcharam ao longo e para montante do Tigre e... [acamparam] em frente de Nínive... Do mês de Simanu até ao mês de Abu três ba[talhas foram então travadas]; desferiram então um grande ataque contra a cidade. No mês de Abu, dia..., a cidade foi tomada e grande derrota infligiu à população inteira. Nesse dia, Sin-sharish-kun, rei da Assíria, fugiu para...; muitos prisioneiros da cidade, sem conta, levaram. A cidade converteram em colinas arruinadas e montões de entulho. Todavia, o rei e o exército da Assíria escaparam diante do rei de Akkad.

(...) Ano 16: No mês de Aiaru, o rei de Akkad mobilizou o seu exército e marchou contra a Assíria. Do mês de [Aiaru] até ao mês de Arahshamnu, as hordas Manda (*Ummān-manda*)... vieram em auxílio do rei de Akkad, juntaram os exércitos e marcharam contra Harran, contra [Assur-uballit] que se sentara no trono da Assíria. O medo do inimigo apoderou-se de Assur-uballit e dos soldados do país de Gul[... que] tinham vindo [em seu auxílio]; dei [xaram] a cidade e atravessaram o [rio Eufrates]. O rei de Akkad chegou à cidade de Harran, (desferiu um ataque) e tomou a cidade. Muitos prisioneiros, sem conta, levou da cidade. No mês de Adaru o rei de Akkad partiu e voltou ao seu país; as hordas Manda que tinham vindo em socorro do rei de Akkad [partiram] e regressaram [ao seu país].

(Ano 17) no mês de Du'uzu, Assur-uballit, rei da Assíria, (e) um grosso [exército do] Egito] que viera em seu auxílio atravessaram o rio (Eufrates) e [marcharam] para conquistar Harran. Sitiou a cidade e penetrou nela, mas a guarnição que o rei de Akkad aí deixara matou-os (aos atacantes) e ele (rei da Assíria) montou o campo contra Harran. Até ao mês de Ululu desferiu ataques contra a cidade. Nada, porém, conseguiram e regressaram...»

Documento 5: Crónica de Nabónido

Fonte: James B. Pritchard (ed.), *Ancient Near Texts Relating to the Old Testament*, Princeton – New Jersey, Princeton University Press, 1969, pp. 305-307.

«No mês de Tashritu, quando Ciro atacou o exército do rei de Akkad em Opis sobre o Tigre, os habitantes de Akkad revoltaram-se, mas ele (Nabónido) massacró a população confusa. No dia 14, Sippar foi tomada sem batalha. Nabónido fugiu. No dia 16, Gobryas, (*Ugbaru*) governador de Gutium, e o exército de Ciro entraram em Babilónia sem batalha. Depois disso, Nabónido foi preso em Babilónia, quando aí voltou.(...) No mês Arahshamnu, dia 3, Ciro entrou em Babilónia, ramos verdes foram espalhados à frente dele – o estado de "Paz" (*shulmu*) foi imposto à cidade. Ciro enviou saudações a Babilónia inteira. Gobryas, seu governador, instalou governadores (subalternos) em Babilónia.»

NOTAS

1. «Ao falar-se de género «histórico» deve excluir-se a ideia do rigor, da análise crítica própria da moderna historiografia. Fala-se, sim, de «história primitiva», de «história popular». A mesma «história oficial» difere da actual historiografia. (...) É certamente diversa a chamada «história oficial» que foi praticada com esmero pelos assírios e neobabilónicos e não foi ignorada por outros. Trata-se dos relatos oficiais da vida da corte e do reino, à maneira de anais. Sob o aspecto informativo, este género de «história» tem grande valor pela precisão de elementos que permitem reconstituir o acontecimento com objectividade nos mesmos pormenores.» Tavares, António Augusto, «História das Civilizações Pré-Clássicas e sua Problemática», *Brotéria*, vol. 108, Abril-1979, pp. 18-19.

2. A história tipo arquivo-crónica «apareceu não como resultado de um interesse intrínseco em fixar incidentes e acontecimentos em si mesmos, mas devido à convicção religiosa segundo a qual os reis e governadores das cidades-estados, habitualmente chamados *ensis*, podiam assegurar vidas longas para si mesmos e bem-estar e prosperidade para os súbditos através da construção, reparação e manutenção de templos... (...) Logo que o sistema de escrita cuneiforme se desenvolveu a partir do seu estágio pictográfico primitivo, deve ter ocorrido a um ou outro dos sacerdotes e escribas do templo a ideia de pôr por escrito as actividades construtoras e ofertas votivas do senhor e, desse modo, registá-las para que no futuro longínquo todos pudessem saber

e lembrar.» Kramer, Samuel Noah, *Os Sumérios. Sua História, Cultura e Carácter*, Lisboa, Liv. Bertrand, 1977, p. 50.

3. Sobre estes géneros ver Joannès, Francis (dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, pp. 183-184 e 410-412.

4. Trata-se do quinto soberano da dinastia de Ur-Nanshe.

5. Sollbergcr, Edmond, *Inscriptions Royales Sumeriennes et Akkadiennes*, Paris, Les Editions Du Cerf, pp. 71-75.

6. Carreira, José Nunes, *História antes de Heródoto*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993, p. 36

7. Sollberger, Edmond, *Inscriptions Royales Sumeriennes et Akkadiennes*, pp.130-132.

8. O texto é da época da renascença suméria (III dinastia de Ur), ou de uma época mais tardia (as cópias mais antigas são da dinastia de Isin).

9. «No sentido da composição literária, no ritmo da narração e sobretudo no recuar às causas e origens da situação descrita é que o cronista emerge da «historiografia» documentalista antiga e se aproxima da moderna. Daí que a «Guerra dos Seis Dias» não se apresente sem um prólogo histórico, em que se descrevem muito plasticamente os males que os temíveis Gútios haviam infligido à Suméria. Não bastava a evocação passageira do passado na prece de Utuhegal e Inanna. Antes de desembocar em historiografia teocrática (missão divina do rei de Uruk), o relato espria-se com quase perfeita mundanidade pelos abusos cometidos pelos invasores em século e meio de domínio e devastação (...) O relato de Utuhegal deve ser um texto independente e não parte de uma obra histórica mais vasta. Mas não se pode descartar absolutamente essa possibilidade uma vez que, em tempos não muito avançados, se ligou a catástrofe da invasão gútia ao período feliz da dinastia de Akkad.» Carreira, José Nunes, *História antes de Heródoto*, pp. 38-39.

10. Composto provavelmente nos meados do século XXI a.C. na cidade de Nippur.

11. A época de Enmerkar, Lugalbanda, Gilgamesh (século XXVII a.C.).

12. A obra é provavelmente do século XXI a.C., apesar de a versão actual provir do tempo de Ur-Ninurta de Isin (1923-1896).

13. Entre outras cidades. As fontes deveriam ser listas conservadas nas referidas cidades e incorporadas pelos redactores e Nippur.

14. Carreira, José Nunes, « História e Historiografia na Antiguidade Oriental», *Didaskalia*, Vol. XII, 1982, p. 338.

15. Existe no texto um «princípio de racionalização» pois os deuses não agiam de forma arbitrária; apenas castigavam os pecados humanos.

16. Carreira, José Nunes, *Estudos de Cultura Pré-Clássica*, Lisboa, Presença, 1985, p.148.

17. Um exemplar começa com os reis antediluvianos.

18. Trata-se de Ibbin-Sin (2027-2003 a. C.).

19. A viragem é percebida pela expressão - «mudar o tempo»; e para além dela nenhuma prosperidade anterior é mencionada.

20. Shotwell, James, *Historia de la Historia en el Mondo Antiguo*, Madrid, Ed. Fondo de Cultura Economica, 1940, pp. 105-120.

21. Em Nippur as inscrições de Sargão e seus sucessores encontravam-se nas estátuas do templo de Enlil. Nos domínios do culto, o passado era também registado. Por altura dos restauros queria saber-se a sua história. Registava-se, por isso, a história do monumento. Van Seters, John, *In Search of History. Historiography in the Ancient World and the Origins of Biblical History*, New Haven, Yale University Press, 1983, pp. 55-99.

22. Como as inscrições reais, anais, cartas aos deuses, listas de reis, crónicas e epopeias históricas. Dentan, Robert C., *The Idea of History in the Ancient Near East*, New Haven, Yale University Press, 1955, pp.37-76.

23. «Se cada «tempo» se identificava por características determinadas e precisas e se relacionavam as entranhas das vítimas imoladas com o tempo em que se ofereceram, era possível

prever os «tempos». Conheciam-se os «sinais dos tempos»... O raciocínio é claro: outrora, no tempo de X, o fígado de carneiro imolado apresentou esta ou aquela configuração; se voltar esse sinal, ocorrerá sem dúvida a mesma constelação de factos. Não se diz: «este presságio significa acontecerá isto ou aquilo»; mas: «isto é um presságio de X, a quem sucedeu isto ou aquilo». Assim: «Se o feto tem a forma de um cavalo, é um presságio de Shulgi, que submeteu as quatro regiões». Prenunciam-se, portanto, tempos favoráveis, sempre que o feto apresente forma de cavalo. Mas, nalguns casos, as perspectivas são opostas (...)» Carreira, José Nunes, *História antes de Heródoto*, pp. 62-63.

24. Speiser, E.A., «Ancient Mesopotamia», in Dentan, Robert C., *The Idea of History in the Ancient Near East*, p. 59.

25. Uma epopeia histórica babilónica sobre Adad-Shuma-usur (1218-1189 a.C.) denotava o mesmo tipo de raciocínio, um grupo de oficiais e nobres foram sucedidos numa rebelião, porque o monarca desprezava Marduk e Babilónia. Adad-Shuma-usur confessou os seus pecados ao deus e restaurou o templo, e tudo voltou à normalidade.

26. Speiser, E.A., «Ancient Mesopotamia», in Dentan, Robert C., *The Idea of History in the Ancient Near East*, p. 59.

27. Carreira, José Nunes, *História antes de Heródoto*, p. 67.

28. Por isso, pouco importava que houvesse, ou não, um templo de Marduk em Babilónia na época dos reis de Akkad, como na *Crónica de Weidner*.

29. Ou às pretensões do clero do Esagil.

30. Carreira, José Nunes, «História e Historiografia na Antiguidade Oriental», p. 343.

31. Segundo «O Obelisco de Manishtushu» (2284-2275 a.C.). Sollberger Edmond, *Inscriptions Royales Sumeriennes et Akkadiennes*, pp.103-104.

32. A primeira edição data de 1907.

33. Gadd, C.J., *The Newly Discovered Babylonian*, London, 1923 (versão inglesa de A.L. Oppenheim em ANET, 303-305).

34. Particularmente entre Puzur-Ashur III (primeira metade do século XV a.C.) e Adad-nirari III (811-781 a.C.).

35. Kraus, F.R., «Zur Liste der älteren könig von Babylonien», *Zeitschrift für Assyriologie*, 50, 1952, pp.45-46.

36. «"O palu dos Amoritas, o palu dos Haneus, o puiu dos Gútios, o palu não registado nesta placa e os soldados que caíram em campanhas perigosas pelo seu senhor, príncipes, princesas, todas as pessoas de Leste e Oeste que não têm palu nem s., vinde, tomai isto, bendizei Ammisaduqa, filho de Ammi-ditanna, rei de Babilónia" (11.29-43).

Pelas três «eras» (*palu*) da «história» secular das tribos semíticas ocidentais (a era dos Amoritas, por antonomásia, a I dinastia de Babilónia; a era dos Haneus; a era dos Gútios... em ordem ascendente), desembocavam-se «no palu não registado nesta placa», ou seja, o período acádico e antecedentes. Tornava-se necessário mencionar este período em branco, uma vez que a sua existência era conhecida dos eruditos e escribas paleobabilónicos mas não dispunha de nomes individuais de antepassados da dinastia de Hammurabi que o preenchessem. Os genealogistas da corte só iam até Harharu, Mandara e Yaharurum (1.9-10) e os Haneus com Heana (1.4), os nomes iniciais (Araam, Madura) devem corresponder ou estar de qualquer modo relacionados com os Gútios da terceira era. Não que Araammadara e sucessores se entendessem como Gútios. Imaginava-se antes como tendo vivido ou «reinado» no tempo dos Gútios. E do início do domínio destes (c.2200) até Ammi-saduqa tinham decorrido quinhentos e cinquenta anos de história. Outra curiosidade da Linhagem hammurabiana é a correspondência de alguns nomes da era dos Haneus (11.4-8) com outros nomes da primeira secção de Lista dos Reis assíria, o lote dos primeiros dezassete «reis que habitaram as tendas», por outras palavras, foram chefes de clãs do deserto. Daí se conclui que são comuns as tradições genealógicas da dinastia de Hammurabi e as da Lista de Reis assíria, cujas primeiras secções constituem seguramente a tábuas dos

antepassados de Shamshi-Adad 1 (1813-1781). Duas dinastias amoritas importantíssimas na viragem do século XIX a.C., em Assur e em Babilónia, orgulhavam-se de uma origem tribal comum.» Carreira, José Nunes, *História antes de Heródoto*, pp. 81-82.

37. É sabido que as familiares inscrições de Shamshi-Adad não reclamam a sucessão de antigos reis assírios. «Mas isto apenas se opõe a que a Lista tenha sido redigida no reinado daquele rei, contra o que sugeria J.J. Finkelstein. (...) tal não significa, porém, que essas listagens sejam desprovidas de todo o valor historiográfico. Há, pelo menos, uma certa consciência e consistência cronológica. Como J.J. Finkelstein torna provável com base na média de duração dos reinados de Isin (15 anos), Larsa (19 anos) e Babilónia (20 anos) e por uma inscrição de Shamshi-Adad que refere sete gerações (expectativa ideal de vida humana: 60-70 anos) entre si e a era de Akkad, os 26 antecessores de Shamshi-Adad na Lista de Reis assíria e os 27 de Hammurabi na Linhagem da sua dinastia somariam 390 anos (média de 15 anos por «antecessor»). Quer essa figura (390 anos) quer os 420 anos das seis gerações da inscrição de Shamshi-Adad, quer a cifra arredondada de 400 anos não traduziriam nada mal o lapso de tempo entre o começo da era dos Gútios (c.2200) e a subida ao trono de Shamshi-Adad I (1813, na cronologia média). Não obstante os anacronismos, os elementos ficcionais e penúria de dados, a Lista de Reis assíria traduz aturada investigação historiográfica e foi tão bem conseguida que resiste em largos traços à apertada crítica dos modernos. Modelo e impulso vieram de Babilónia, provavelmente no reinado de Tukulti – Ninurta I (1244-1208). O belicoso assírio invadira, conquistara e saqueara a brilhante e cosmopolita metrópole do Sul. Mas sucumbiu ante a cultura dos vencidos – a «invasão» de Assur (a que a Lista de Reis era especialmente bem-vinda, pois contribuía para aconsolidação da identidade nacional do Norte a firmar-se desde a fundação do Império Médio (por Assur-uballit I, 1365-1330). Os escribas de serviço não abdicaram de tradições patriarcais nomádicas que se estendiam para trás dos nebulosos e odiados Gútios. Mas, num rasgo de «modernidade» quase crítica e ao contrário do que dizia a tradição para Babilónia, tiveram o bom senso de ignorar míticos reinados antediluvianos – uma lufada de ar fresco a descer do Norte sobre a historiografia da Mesopotâmia semítica. (...) Sem dúvida que a continuidade linear da história era um princípio director. Passado e presente constituíam parte do mesmo caudal, que se projectava no futuro. A história não era cíclica. Mas tão pouco se antevia um fim e, menos ainda, um plano. O Antigo Testamento é que irá conceber a história como sujeita a um plano global de Deus e dirigida a um fim escatológico. Em Babilónia, como já na Lista de Reis suméria, cada etapa é um fim em si», Carreira, José Nunes, *História antes de Heródoto*, pp. 82-83 e 89.

RESUMOS

Neste pequeno trabalho pretende-se estabelecer a ligação entre a noção de tempo e a ideia de historiografia e de história que possuíam os povos da antiga Mesopotâmia. A essência dos conceitos está ligada ao legado sumério, sendo os semitas seus claros seguidores apesar das especificidades introduzidas por estes últimos. Sequência temporal e dinastia são exemplos de conceitos introduzidos por esses povos.

We would like to establish a connection between several notions belonging to the peoples of ancient Mesopotamia, such as the concept of time and the idea of historiography and history. The essence of these concepts is related to the sumerian legacy, being the semites theirs

followers in spite of the particularization introduced by them. Time sequence and dynasty are examples of concepts introduced by those peoples.

ÍNDICE

Keywords: time, lineal concept, historiography, past, dynasty, chronicles, sovereign, Mesopotamia

Palavras-chave: tempo, concepção linear, historiografia, passado, dinastia, crónicas, soberano, Mesopotâmia

AUTOR

ANTÓNIO RAMOS DOS SANTOS

Faculdade de Letras Universidade de Lisboa

Licenciado em História e Doutor em Letras na especialidade de História Pré-Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A Tese denominava-se: "O Sector «Privado» na Economia da Babilónia Recente (626-539 a.C.). O modelo fundiário e o modelo comercial. É Professor Auxiliar do Departamento de História da FL-UL. É investigador do Centro de História da Universidade de Lisboa e do Instituto Oriental da mesma universidade. É membro da Associação Portuguesa de Orientalismo, da Associação Portuguesa de História Económica e Social e do Centro de Estudios del Próximo-Oriente (Espanha).